

... Cadernos :: edição: 2006 - Nº 28 > Editorial > Índice > Resumo > Artigo

### Grupo com irmãos de pessoas com necessidades especiais

Karina Silva Molon\*  
Luciane Najjar Smeha\*\*

O relacionamento entre irmãos favorece o desenvolvimento de ambos porque a relação que se estabelece é de reciprocidade e de complementaridade. Para algumas crianças, a experiência de ter um "irmão especial" pode ser intensamente positiva, mas para outras a vivência pode ser difícil. Esta pesquisa teve como objetivo proporcionar a troca de experiências entre os irmãos, assim como auxiliá-los no manejo com seus sentimentos relacionados ao irmão, aos pais, à família e consigo mesmo. O desenvolvimento desse projeto estava centrado num grupo de ajuda mútua, dentro de fundamentos teóricos que compreendem a linha psicanalítica, caracterizado por um grupo do tipo homogêneo e aberto, tendo como participantes seis adolescentes e pré-adolescentes, com idade variando entre 10 e 14 anos. As reuniões do grupo aconteciam no Núcleo de Práticas em Psicologia do Centro Universitário Franciscano – UNIFRA, e compreendiam dois encontros mensais, tendo duração de 1h30min cada e participação gratuita. Num período que compreendeu os meses de Março à Novembro de 2004. O espaço do grupo permitiu aos participantes a escuta de suas dificuldades do dia-a-dia e principalmente dos sentimentos provenientes do convívio com o irmão e auxiliou também no encontro de novas alternativas para lidar com as diferenças.

Palavras-chave: Grupo de Irmãos. Interação.

\* Psicóloga graduada pelo Centro Universitário Franciscano- UNIFRA/ Santa Maria - Rio Grande do Sul.

\*\* Psicóloga Mestre em Psicologia Social e da Personalidade pela PUCRS, Especialista em Psicologia Organizacional, docente do curso de Psicologia da UNIFRA/ Santa Maria - Rio Grande . do Sul.

#### Introdução

A experiência de ter um irmão pode ser muito saudável, porque oportuniza a criança ou jovem vivenciar dentro de casa questões que são importantes para toda a vida, como saber dividir, se posicionar diante de situações difíceis, brincar e cultivar o amor, em instantes de cumplicidade e de carinho, como se um irmão fosse o espelho do outro. Mas, na fratria2 também ocorrem momentos de crise, rivalidade, ciúmes e de tristeza. Uma situação triste, por exemplo, pode ocorrer com a chegada de uma criança com necessidades especiais permanentes.

A maneira de encarar esta notícia pode ser diferente para cada pessoa da família. Alguns, de uma forma bastante saudável e realista percebem de imediato que nada pode se feito a respeito do problema, a não ser enfrentá-lo. Aceitando a dificuldade como algo inevitável e procurando formas alternativas de conviver com os problemas. Portanto, de qualquer forma, os vínculos afetivos são postos à prova quando uma necessidade especial acomete a fratria.

O presente artigo trás a experiência de um grupo de irmãos de pessoas com necessidades especiais que tinha como objetivo apoiar o desenvolvimento das "crianças especiais", através de seus irmãos e fortalecer o que tem de saudável na relação entre irmãos. As reuniões do grupo aconteciam no Núcleo de Práticas em Psicologia do Centro Universitário Franciscano – UNIFRA, e compreendiam dois encontros mensais, tendo duração de 1h30min cada com participação gratuita. Num período que compreendeu os meses de Março à Novembro de 2004.

Para sistematizar o estudo, ao longo do texto inseriram-se algumas falas dos adolescentes que participavam do grupo. A fim de preservar a identidade dos mesmos, utilizou-se nomes fictícios abreviados, já que é dever do psicólogo respeitar o sigilo profissional para proteger a intimidade das pessoas com as quais trabalha, conforme instruções relatadas no código de ética do profissional psicólogo.

#### A metodologia

O desenvolvimento desse trabalho estava centrado num grupo de ajuda mútua, dentro de fundamentos teóricos que compreendem a linha psicanalítica, caracterizado por um grupo do tipo homogêneo quanto às necessidades e com número variado de participantes. Visto que a psicanálise, como metodologia de trabalho, é indicada no caso de adolescentes, pois estes estão desenvolvendo uma

compartilham o problema e a busca de soluções, o que vem ao encontro com os objetivos do trabalho. Portanto, um grupo de ajuda mútua somente pode funcionar se cada um dos membros se auto-responsabilizar e, conjuntamente, cooperar com os demais na tentativa de resolver seus problemas e necessidades.

Participaram dos grupos um total de seis adolescentes e pré-adolescentes, com idade variando entre 10 e 14 anos pertencentes à classe social média a média baixa. O calendário dos encontros do grupo foi fixo, iniciando na segunda semana de Março e finalizando em Novembro de 2004. A divulgação dos encontros aconteceu através de um folheto explicativo encaminhado a várias instituições que atendem crianças com necessidades especiais, entre elas, a Escola Francisco Lisboa, Associações, Hospitais, Postos de Saúde, Universidade Federal de Santa Maria, Escolas da rede pública e particular de ensino, dentre outros locais.

Foram realizadas também, supervisões semanais, com duração de 2h cada, onde eram planejadas as intervenções realizadas nos grupos.

Dentre as metodologias de trabalho utilizadas no grupo citamos a discussão de filmes e textos, a técnica do jogo de rabiscos, o desenho livre, com recorte e colagem e dinâmicas de grupo, basicamente.

#### O grupo

O primeiro grupo que o indivíduo integra é a família, por isso Zimerman e Osório (1997) afirmam que o ser humano é gregário por natureza e somente existe, em função de seus inter-relacionamentos grupais, porque nasce, cresce e envelhece no grupo.

A técnica de grupo operativo permite a análise de inúmeros aspectos psicológicos da dinâmica individual dos participantes. Neste sentido, os grupos de organização operativa são classificados, também como terapêuticos, porque se preocupam em esclarecer dificuldades individuais, romper com estereótipos e, além disso, possibilitar a identificação daqueles obstáculos que estão dificultando o desenvolvimento dos indivíduos (ZIMERMAN & OSÓRIO, 1997).

O grupo é o agente da cura, e a tarefa se constitui num organizador dos processos de pensamento, comunicação e ação que se dão entre os membros do grupo. Todo o grupo que tiver uma tarefa a realizar e que puder, através desse trabalho operativo, esclarecer suas dificuldades individuais, romper com os estereótipos e possibilitar a identificação dos obstáculos que impedem o desenvolvimento do indivíduo e que, além disso, o auxiliem a encontrar suas próprias condições de resolver ou se enfrentar com seus problemas é terapêutico (ZIMERMAN & OSÓRIO, 1997).

É essencial que o coordenador do grupo trabalhe em prol deste, diante de suas dificuldades e ansiedades, e nunca em benefício de um indivíduo isoladamente (privilégios). Quando isso ocorre, o facilitador do grupo consegue detectar a dinâmica grupal, as tensões emergentes que podem estar impedindo que este evolua, os papéis, etc. Os grupos de reflexão são grupos que tem como base o objetivo de refletir, indagar e apoiar. Deste modo, podemos dizer que o grupo de reflexão é um grupo operativo aplicado ao ensino-aprendizado (PICHÓN- RIVIÈRE, 1988).

#### A família da criança com necessidades especiais

A família é definida por Buscaglia (2002) e Lévi-Strauss (1958) como um sistema social pequeno e interdependente, composto por subsistemas menores, como: pais-filhos e irmãos-irmãs. Sendo assim, são três os tipos de relações pessoais que configuram a família: a aliança (casal), a filiação (pais e filhos) e a consangüinidade (irmãos). E foi neste último subsistema familiar que nosso estudo se concentrou.

A família exerce papel importantíssimo na vida de cada um de seus membros, na medida em que se caracteriza por um sistema interativo e socializador, capaz de fornecer apoio mútuo, diante das situações cotidianas e nos momentos difíceis. É no seio da família que o sujeito encontrará padrões de comportamento que caracterizam a sociedade. Porque é nela que ocorre o marco para a definição dos papéis básicos de todas as culturas que são: de pai, mãe e de filhos (PICHÓN-RIVIÈRE, 1988). A partir disso, entende-se que a família nutre e protege a descendência e fornece condições para cada um de seus componentes de adquirir suas identidades pessoais, através da transmissão de valores éticos, estéticos, religiosos e culturais.

Todo o grupo seja ele unido por laços consangüíneos, ou não, diante da entrada de um novo componente ou perante uma situação inesperada, irá se deparar com modificações em sua dinâmica, fato esse que se justifica pela influência subjetiva que cada indivíduo exerce neste contexto. Quando o novo integrante da família possui uma necessidade especial, ocorreram algumas modificações na

d f ili B li (2002) é iã b difí il

A influência familiar é fator determinante da facilitação ou impedimento do processo de integração do indivíduo com necessidades especiais, pois, é através do relacionamento familiar que ele desenvolverá seus valores, sua percepção do mundo e a construção da identidade. É certo que, o nível de integração social que uma pessoa com necessidades especiais pode vir a desenvolver dependerá, em grande parte, da disponibilidade de sua família em permitir-lhe participar e usufruir os recursos oferecidos por sua comunidade, apesar das barreiras físicas e sociais que encontrará ao longo do percurso (GLAT & DUQUE, 2003).

Em famílias saudáveis que possuem uma estrutura razoavelmente estável, papéis bem definidos, suas próprias regras estabelecidas em comum acordo e seus próprios valores, verificam-se uma redução dos problemas, da carga horária de decisões e da necessidade de modificações básicas na estrutura familiar. Porém, mesmo em tais "famílias saudáveis", uma ocorrência violenta, assim como uma doença séria e prolongada e dificuldades financeiras imprevistas exigirão dos membros uma redefinição de seus papéis e o aprendizado de novos valores e padrões de comportamento, a fim de se ajustarem ao novo estilo de vida. Entretanto, a principal diferença no caso da família com uma criança que possui necessidades especiais é que seus problemas são intensificados (BUSCAGLIA, 2002).

A longevidade do vínculo fraterno é bem maior do que a do vínculo filial, portanto os irmãos compartilham entre si suas vidas por um longo período (RUFO, 2003). Porém, a liberdade de ruptura é maior na primeira do que na segunda relação. Mas, por outro lado, é comum encontrarmos, irmãos que na idade adulta consideram-se grandes amigos, evidenciando a evolução ideal da relação fraterna.

Entende-se que a fratria enriquece mais que a vida de filho único, enquanto socialização, experimentação de relações de poder, liderança, de conflito, de amor e principalmente de auxílio no controle das pulsões destrutivas, para o bom convívio em sociedade, ou seja, nos grupos. É nas disputas com o irmão que a criança aprende a encarar desafios, lutar pelo seu espaço, exercer liderança, agir numa situação em que o outro é mais forte, compartilhar, respeitar os sentimentos e desejos do outro, aceitar as diferenças.

As disputas entre irmãos podem representar um rico aprendizado, porque o irmão que cuida pode proporcionar ao irmão que é cuidado uma descrição da sociedade na qual estão crescendo, assim como, o irmão que é cuidado pode proporcionar ao irmão que cuida uma ocasião para praticar suas habilidades sociais, de forma complementar (FERREIRA & METTEL, 1999).

O relacionamento entre os irmãos sofre modificações ao longo do ciclo vital. Quando pequenos, os irmãos são fontes constantes de companheirismo, sendo assim compartilham brinquedos, roupas e até mesmo o quarto. Já nos anos escolares, ocorre um certo afastamento entre os irmãos, os interesses e o grupo são diferentes, porque procuram independência, na busca pelo grupo de iguais. Na adolescência, este distanciamento se intensifica, muitos se revelam ambivalentes no relacionamento com o irmão, ora afastando-se, ora se aproximando na busca por conselhos e troca de segredos. Na vida adulta os irmãos deixam o lar e logo estabelecem uma nova rede de apoio na condição de tios (KÖNIG, 1998).

É notável a influência que os irmãos exercem sobre si. Neste sentido, destacamos o exercício que consiste na individualização-separação, aquele que ocorre no ambiente familiar no relacionamento entre irmãos, da seguinte forma: inicialmente a criança vive sua relação fraterna com os pais, depois quando ela sente-se suficientemente capaz de individualizar-se ocorre à procura por pares e o primeiro que encontra é o irmão. Este exercício caracteriza-se por um trabalho de elaboração psíquica, gradual, que proporciona a criança o desprendimento da onipotência dos pais, para voltar-se na direção de seus pares (RUFO, 2003).

As relações fraternas compartilhadas no seio familiar desempenham um papel primordial no desenvolvimento afetivo de cada componente da família. O relacionamento entre irmãos é realmente muito especial, porque nesta relação ambos experimentaram padrões de comportamento num espaço onde podem ser eles mesmos, numa relação entre iguais. Power e Ogle (1992), complementam essa afirmação dizendo que os irmãos têm um relacionamento contínuo que não pode ser suprimido.

O nascimento de um irmão, sempre acarretará transformações na dinâmica familiar, os sentimentos tomam novas proporções, o irmão mais velho terá que dividir as atenções com o menor; o ciúme, as rivalidades, a raiva, emergem e este acaba por se deparar com sentimentos intensos e de difícil manejo e compreensão. Em situações normais, ter um irmão já é um "problema". Estas transformações tomaram novas formas, quando nos remetemos à chegada de um irmão especial (ARDORE; REGEN e HOFFMANN, 1988).

Neste caso, a dinâmica familiar sofrerá modificações que dependeram do tipo de necessidade especial ou da gravidade desta, da posição de nascimento do filho, da idade dos membros da fratria e principalmente da relação do casal. Rufo (2003) aponta que todas estas transformações irão influenciar nas representações que os "filhos sadios" fazem das dificuldades do "irmão diferente" e na maneira como

e pré-adolescentes. Para fins deste estudo foi importante o entendimento de que na adolescência é comum a busca pela individualização, o desejo de afastar-se da família e maior dedicação de tempo para o convívio com os amigos. Segundo Papalia e Olds (2000) à medida que os adolescentes começam a se separar de suas famílias, têm menos tempo e menor necessidade da gratificação emocional que costumavam obter dos laços com os irmãos, por mais que demonstrem intimidade, afeto e admiração pelos mesmos, afastam-se e procuram grupos de iguais fora de casa.

Freqüentemente observamos o irmão mais jovem crescendo e o irmão mais velho tendo que abrir mão de parte de seu poder e condição habituais em prol deste, de maneira a reagir de forma descontente, aborrecida, revoltados. Irmãos mais jovens tendem a respeitar os mais velhos e, ao identificar-se com este, sentem-se mais "adultos". Quando a diferença de idade entre irmãos é pouca, eles tendem a se desentenderem mais e a serem mais ciumentos, enquanto que irmãos com maior diferença de idade tendem a ser mais afetuosos entre si (PAPALIA & OLDS, 2000).

#### Apresentação dos resultados

Os irmãos de pessoas que possuem necessidades especiais enfrentam situações difíceis no cotidiano, pois o nascimento deste irmão, exige reorganização familiar tanto no aspecto afetivo quanto no aspecto financeiro. O "irmão saudável", muitas vezes renuncia suas atividades ou interesses em prol da saúde do outro.

Quanto ao aspecto afetivo, percebe-se que os pais exigem autonomia imediata dos "filhos sadios", de modo que possam dedicar mais tempo ao "irmão doente" (RUFO, 2003). Como por exemplo, ir e voltar da escola sozinho desde muito pequeno, fazer compras no supermercado, serviços domésticos, pagamentos de contas, etc. Este fato pode reforçar o sentimento de menos valia, de que não é o filho predileto, o "queridinho", ou seja, aumenta o ciúme. Além destas atividades, algumas vezes, os irmãos acabam, à pedido dos pais, se responsabilizando por alguns cuidados para com o irmão: levar à consultas médicas, ao colégio e cuidar da higiene e alimentação. Questão esta que evidenciou-se na seguinte fala de um dos irmãos do grupo: "Adoro dar banho nela, levar no médico, passear, dar papinha, canto para dormir também" (irmã E).

König (1998) assegura que muitos irmãos assumem total responsabilidade sobre o irmão especial, tornando-se adultos precocemente, privando-se do lazer e do estudo. Concordamos com Miller (1995) quando afirma que o cuidado para com os filhos é uma atribuição dos pais e não exclusivo dos irmãos. Por outro lado, cuidar do "irmão especial" pode auxiliar o irmão saudável na compreensão das necessidades do primeiro, ou seja, na elaboração do luto. Desde que está participação não se torna maciça e desgastante.

Muitos irmãos demonstram compaixão pelo "irmão especial", o que resulta em cuidado e sentimento de pena, assim como se revela na seguinte fala: "Ela adora o pastel lá do colégio, eu fico com pena e levo um ou dois para ela, às vezes,, para não engordar" (irmã B).

Não há dados que confirmem se crescer com um irmão que possui necessidades especiais é gratificante ou frustrante. Mas, os autores acreditam que o relacionamento entre irmãos, neste caso, pode ter dois efeitos: um positivo e um negativo, dependendo da situação familiar. Do lado positivo, alguns irmãos se declaram satisfeitos por terem a oportunidade de aprender a viver e enfrentar as exigências de um irmão deficiente, como aparece nestas falas: "Ela é a coisa mais fofo do mundo. Meus colegas adoram a Bruna, gostam de conversar com ela pelo telefone, quando ligam lá para casa conversam mais com ela do que comigo no telefone ... isso é bem legal ... daí eu faço cócegas nela e agente morre de rir" (irmã A).

Entre os efeitos negativos, Power e Ogle (1992) citam a amargura e o ressentimento que estes revelam diante à atenção extra dada à "criança especial". Alguns irmãos relatam que sentiam medo e ansiedade por não saberem como interagir com a criança especial . Fato este que aparecia no grupo a partir destas falas: "Eu espero que aqui no grupo possamos aprender como interagir com nossos irmãos" (irmão D). A culpa por gozar de boa saúde, evidencio-se de forma mais explícita na fala de uma das irmãs, da seguinte forma: "Eu me preocupo com a Bruna, porque ela já é assim ... e agora com o pé machucado ela não vai poder ir na escola, e ela vai sentir falta de lá. Se ela fica em casa, fica perdida, de um lado para o outro" (irmã A).

Outros irmãos deparavam-se com um sentimento intenso de solidão, quando verbalizavam: "Espero que o grupo evolua cada vez mais, e também que possamos compartilhar muitas coisas" (irmã A), "Eu gostaria de conhecer mais irmãos!"(irmã B), "Não sei porque, mas me acho diferente dos meus colegas" (irmã A), "Estou numa ilha, sozinho" (irmão C).

As preocupações mais típicas dos irmãos são com: "a criança especial", seus pais, consigo mesmo, seus amigos a comunidade (em especial escola) e a idade adulta. Essas preocupações centram-se na

Muitos irmãos demonstraram sentimentos ambivalentes quanto ao "irmão especial" como, por exemplo, o amor e o ódio que apareceram no grupo quando os irmãos ora reconheciam a importância de os pais dispensarem mais atenção ao irmão, ora demonstravam ódio por este irmão. O sentimento de ódio apareceu em um desenho que uma das crianças do grupo estava realizando. Nesta ocasião o menino desenhava o irmão e apontava uma arma para ele. Talvez retratando o quando estava sentindo-se triste com a situação, que a alternativa seria fugir dela, "matando o irmão" (simbolicamente, inconscientemente).

Ardore e cols (1988) comentam o quanto é difícil para um indivíduo em formação (adolescente) ter um irmão com necessidades especiais, aceitá-lo como igual, habituar-se a lidar com suas limitações e perdoá-lo por isso, criar hábitos de apoio e de segurança.

#### Conclusão

Este estudo permitiu a identificação de alguns sentimentos oriundos da relação entre irmãos, tais como: alegria, compaixão, amor/ódio, pressão, embaraço e solidão. Ficou evidente que as emoções mais comuns quando a experiência de ter um irmão especial é vivenciada de forma desagradável, são: incertezas e medos, tristezas, lutos, culpas e raiva.

Um mecanismo de defesa bastante explorado e observado no grupo, foi a negação da deficiência, de modo a não aceitá-la, na tentativa de proteger-se egoicamente. Questão que se retratou na dificuldade do "irmão saudável" em falar sobre seu cotidiano familiar. Portanto, eram freqüentes as conversas sobre a escola, o grupo de amigos, momentos de lazer.

Constatamos que não existe um modelo teórico que oriente o estudo sobre cuidados dispensados pelos irmãos mais velhos para com o irmão especial. Portanto, o tema precisa ser melhor investigado, pois as limitações teóricas e metodológicas são imensas. Na Psicologia, grande parte dos estudos sobre interação entre irmãos tem focalizado a díade, em situações controladas, buscando uma análise de relações entre variáveis pré-determinadas como sexo, idade e ordem de nascimento, na verdade estudos qualitativos sobre o relacionamento entre irmãos, não existem, se existem desconhecemos.

O tema do estudo tem relevância social e científica, uma vez que atualmente a mídia, as escolas, a universidade e a sociedade tem se ocupado em debater questões de relacionamento familiar, respeito às diferenças e igualdade de direitos – inclusão. Portanto, a discussão destas temáticas pode colaborar para uma melhor qualidade de vida para as pessoas com necessidades especiais e seus familiares, contribuir para a diminuição do preconceito para com os "diferentes", além de incentivar a realização de outros estudos a cerca desta temática.

O espaço do grupo permitiu aos participantes a escuta de suas dificuldades do dia-a-dia e principalmente dos sentimentos provenientes do convívio com o irmão. Auxiliou também no encontro de novas alternativas para lidar com as diferenças, através de novos caminhos que iam surgindo da interação com outros adolescentes, visto que esta ocasião foi muito rica para a troca de experiências, compartilhamento de angústias e a elaboração de lutos.

Para concluir, este estudo permitiu o entendimento de que para a criança especial é muito interessante ter um irmão, porque consideramos os irmãos agentes socializadores competentes, capazes de estimular e apoiar o desenvolvimento desta, como uma fonte de recursos saudáveis para a família. Contudo, ratificamos a importância das famílias, com filhos que possuem necessidades especiais, receberem apoio também. Uma rede de apoio para a família, não só para os irmãos, certamente convergiria para a prevenção primária em saúde, potencializando a qualidade de vida das pessoas envolvidas com a "criança especial".

---

#### Referências

- ARDORE, M.; REGEN, M.; HOFFMANN, V. M. B. Eu tenho um irmão deficiente ... Vamos conversar sobre isso? São Paulo: Paulinas. APAE, 1988.
- BRONFENBRENNER, U. La ecología del desarrollo humano: cognición y desarrollo humano. Barcelona: Paidós, 1987.
- BUSCAGLIA, L. Os deficientes e seus pais: um desafio ao aconselhamento. São Paulo: Record, 2002.
- ETCHEGOYEN, R.H. Fundamentos da técnica psicanalítica. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- FERREIRA, E. A. P; METTEL, T. P. L. Interação entre irmãos em situação de cuidados formais. *Psicol. Reflex. Crit.*, v.12, n.1, p. 133-146, 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.com.br>>. Acesso em 10 out.2004.
- GLAT, R.; DUQUE, M. A. T. Convivendo com filhos especiais: o olhar paterno. Rio de Janeiro: 7 Letras. 2003.
- KÖNIG, L.G. Irmãos especiais: os portadores de necessidades especiais e suas díadas. Monografia (Especialização em Educação Especial) – Centro de Educação, Universidade de Santa Maria, Santa Maria, 1998

PICHÓN - RIVIÉRE, E. Processo Grupal. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

POWELL, T.H; OGLE, P. A. Irmãos especiais: técnicas de orientação e apoio para o relacionamento com o deficiente. São Paulo: Maltese Norma, 1992.

PRADO, L.C. Famílias e terapeutas: construindo caminhos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

RUFO, M. Irmãos: como entender essa relação. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

WINNICOTT, D.W. Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil. Rio de Janeiro: Imago, 1984.

ZIMERMAN, D.E.; OSÓRIO, L.C. Como trabalhamos com grupos. Porto Alegre: Arned, 1997.

#### Notas

1 Trabalho desenvolvido no Núcleo de Práticas em Psicologia do Centro Universitário Franciscano - UNIFRA.

2 Fratria - Conjunto de irmãos de uma família.

#### Correspondência

Endereço Karina Molon - Silva Jardim, 2386, apartamento 02 – Centro Santa Maria, Rio Grande do Sul  
CEP: 9705-700.

E-mail: ksmolon@terra.com.br

Recebido em 19 de junho de 2006

Aprovado em 01 de agosto de 2006

---

[Edição anterior](#)

[Página inicial](#)

[Próxima edição](#)

Cadernos :: edição: 2006 - Nº 28 > Editorial > Índice > Resumo > **Artigo**